

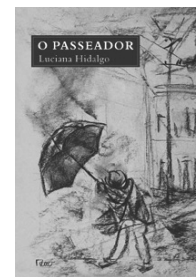
As pegadas do gênio

O PASSEADOR, romance de Luciana Hidalgo, apresenta o universo pelo qual circulava Lima Barreto



A AUTORA
LUCIANA HIDALGO

É jornalista e doutora em Literatura Comparada pela UFRJ, autora de **Arthur Bispo do Rosário: o senhor do labirinto** e **Literatura da urgência: Lima Barreto no domínio da loucura**, pelos quais ganhou dois prêmios Jabuti. Como jornalista, colaborou e editou importantes publicações do jornalismo cultural brasileiro, como a revista *Bravo!* e o jornal *O Globo* (no caderno *Prosa&Verso*). **O passeador** é seu primeiro romance.



O PASSEADOR
 Luciana Hidalgo
 Rocco
 192 págs.

:: FABIO SILVESTRE CARDOSO
 SÃO PAULO – SP

Afonso é um andarilho. Passeia — como sugere o título do livro de Luciana Hidalgo, **O passeador** — pelas ruas de um Rio de Janeiro ainda em franca transformação. Mais do que um crítico intransigente na periferia do capitalismo, trata-se de um *outsider* que percebe a cidade em transição: no romance de Hidalgo, ele será um personagem; na história da Literatura Brasileira, será Lima Barreto, autor, entre outros, de **Triste fim de Policarpo Quaresma** e **Recordações do escrívão Isaías Caminha**. Obra oriunda de uma criativa imaginação literária (o argumento fundamental do romance, a vida de Afonso antes de ser Lima Barreto, é algo original por aqui), o livro de Luciana Hidalgo possibilita aos leitores, logo de cara, um conhecimento do universo ao qual o escritor pertencia. Oferece, nesse sentido, a chave de entrada para um ambiente que muitas vezes só é constituído graças aos livros de história da República Velha.

A motivação para tanto parece óbvia. Afinal, um dos “principais legados” da Semana de Arte Moderna em particular, e do modernismo em geral, foi efetivamente esvaziar de significado a geração que a precedeu. Note, leitor, que estamos diante de uma agenda cultural que obedecia, como poucas vezes visto por aqui, uma espécie de poética, a saber: a literatura brasileira e os demais segmentos artísticos deveriam, segundo essa perspectiva, romper com a tradição e com as movimentações que rezavam pela

cartilha eurocêntrica do mundo. É bem verdade que aí reside uma bela contradição, afinal, alguns dos expoentes do modernismo brasileiro, sobretudo na primeira fase, tiveram sua formação e educação sentimental na Europa. Ainda assim, conforme exigia o manifesto de Oswald de Andrade, souberam superar essa influência, removendo o beletrismo da produção cultural brasileira. E é aí que a importância de um escritor como Lima Barreto se revela, uma vez que, mesmo antes dessa agenda (no começo do século 20), o autor havia se separado, do ponto de vista da linguagem, de certo artificialismo da produção cultural — para citar alguns nomes, Coelho Neto, Olavo Bilac. Com isso, a prosa do autor, contrastando de alguns de seus contemporâneos, é fluida, sem conter o rebuscamento oco da República dos bacharéis.

Nesse ponto, o livro de Luciana Hidalgo presta homenagem à altura ao escritor Lima Barreto, haja vista que a autora também se propõe a escrever de forma clara e lúcida, sem descuidar de certo apuro na forma. É bom que se diga: dos escritores brasileiros contemporâneos, incluindo aí alguns premiados, poucos conseguem manejar o texto em prosa de forma a um só tempo bem elaborada e com recurso de imaginação literária. Dito de outra maneira, embora o tema do livro em si seja bastante pertinente, é pela forma que a narrativa conquista o leitor. Vale a pena observar, a título de exemplo, a abertura do livro, dessas capazes de conquistar o leitor à primeira vista:

Afonso arrasta os pés pela terra seca, deixando uma trilha de

pegadas displicentes. Tanto calor a essa hora o faz pensar num deserto desconhecido. Alheio ao sol, ele avança sonolento, olhos fixos no chão. A cabeça, sem pensamento, deixa-se conduzir pelos calcanhares ligeiros, estes sim sob o comando do corpo. Pousam, levantam, pisam em pontes improvisadas. Ao alcançar o trecho calçado, ele enfim encara a paisagem à sua frente. Tudo aí é de uma solidão cimentada. Está diante da avenida Central que, em construção, rasga, o centro do Rio de Janeiro num sorriso esburacado e perverso.

Com efeito, o parágrafo acima é a materialização de uma descrição bem estruturada, capaz de fazer com que o leitor observe efetivamente o passo a passo desse personagem. Na leitura, nota-se ainda como o narrador discorre sobre as partes do corpo deste Afonso (pés, cabeça, olhos); de modo semelhante, está evidenciada uma espécie de prosa poética, fruto, sem dúvida, de um envolvimento mais próximo com o universo da palavra. Isso não é pouco, mesmo em tempos, como os de agora, em que todos desejam posar como escritores. O narrador do romance de Luciana Hidalgo é muito mais do que uma testemunha de um gigante literário em formação. Trata-se, isto sim, de uma voz que se estabelece sem medo da grande referência que representa Lima Barreto para a literatura brasileira.

À medida que a narrativa avança, o leitor observa como surgiram os temas que forjaram a literatura de Lima Barreto. O artificialismo vazio; a estrutura social hierarquizada que remetia ao An-

tigo Regime, mesmo em tempos republicanos; a estrutura rígida do governo que acabava de chegar ao poder. Esses e outros pontos tornaram a prosa do autor de **Clara dos Anjos** o contra-exemplo da *Belle Époque* da capital federal. Nesse cenário, escritores desprovidos de talento genuíno ascendiam ao estrelato do *grand monde* das letras graças aos conchavos, enquanto Afonso, esse personagem idealizado, fica à margem, entre o riso e a melancolia, passeando pelas estantes, procurando as leituras que servirão de referência à sua obra.

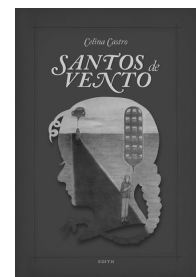
OLHAR ATUAL

Especialista em literatura brasileira e pesquisadora da obra de Lima Barreto, Luciana não se vale desses títulos para compor esse livro. Em verdade, a não ser pelo enredo contemporâneo, o romance certamente poderia ser assinado por outro escritor que não tivesse as mesmas credenciais acadêmicas para tanto. Longe de ser um problema para a autora, trata-se, sim, de demonstração de sua capacidade de imaginação ficcional. Há que se notar, entretanto, que o livro utiliza como pressuposto um olhar contemporâneo e cínico, inventando um personagem que existe à frente de seu tempo. Em outras palavras, enquanto a literatura brasileira estava atenta a um momento extraordinário, com escritores fabricando uma cena intelectualizada artificialmente num país periférico, o Afonso de Luciana Hidalgo, como que repetindo o Lima Barreto visto pela lupa de nossos dias, é um satirista e um cínico em formação na melhor “tradição da pós-modernidade”.⁷

INFÂNCIA RECRIADA

A AUTORA
CELINA CASTRO

Nasceu em Candeias (MG), em 1954. Jornalista de formação, já havia participado das antologias **Mamãe, vim só fazer uma visita rápida** (Edith), **Maus escritores** (editada por Marcelino Freire e Vanderley Mendonça) e **Antologia de haikai**, organizada por Alice Ruiz e editada pela Black Demon Press. Celina também faz parte do coletivo Edith, 14 pessoas “apaixonadas pela palavra” que têm como objetivo publicar seus trabalhos literários, sendo seu coordenador-geral o escritor e jornalista Marcelino Freire. O trabalho coletivo já “vazou” das páginas e gerou vídeos e exposições de fotografias.



SANTOS DE VENTO
 Celina Castro
 Edith
 100 págs.

:: ADRIANO KOEHLER
 CURITIBA – PR

A infância é um pedaço da vida que fica mais rico e cheio de significados à medida que o tempo passa. Estamos sempre recriando a nossa infância, deixando-a mais feliz, mais aventureira, mais gostosa, mais como os filmes e livros sobre crianças felizes dizem que a infância é. E, para alguns, a infância revisitada é o lugar onde as grandes descobertas da vida foram feitas. Claro que, à época, não tínhamos o discernimento para entender o que estava acontecendo. Víamos os adultos de baixo para cima, olhávamos mais pernas que rostos, normalmente, e as coisas do “mundo de gente grande” não nos diziam respeito. É só quando entramos nesse mundo que recobramos o sentido de tudo o que aconteceu (ou inventamos um, o que também dá no mesmo, rigorosamente, afinal, a memória prega peças).

Até certo ponto, **Santos de vento**, livro de estréia da jornalista Celina Castro, é uma volta a uma infância plena de significados. Em 14 dos 17 contos, a protagonista é uma menina atenta ao mundo ao seu redor, e que gosta de contar o que acontece de acordo com o seu ponto de vista. Porém, não se trata de uma obra para crianças. Celina procura resgatar nessa narradora uma inocência que nós perdemos ao crescer. Para ajudar no resgate, a criança-narradora não mora

em uma cidade grande, mas no interior de Minas (provavelmente). É na roça idílica que ela tem contato com o “mundo da gente grande”, onde a morte e a vida não são assuntos de criança, mas estão sempre ali por perto. Como no conto *Jussara*, em que o filho da protagonista fica emburrado ao perceber que o frango da Páscoa era a galinha amiga. Ou em *Eufrásio*, em que a criança conta que os adultos só permitem às crianças chegar perto do defunto porque haviam se esquecido delas.

Há bastante tristeza nos contos de **Santos de vento**, mas o livro não é triste. A tristeza vem dos temas tratados por Celina. Em *Eu*, por exemplo, a criança se descreve como “feiosa, magricela, cabelos espetados de lisos”. A partir dessa introdução nada otimista, vemos que a criança espera que o menino mais bonito da turma um dia a chame para ser seu par, o que não acontece nunca. Em *Nero*, temos a história da relação partida entre a menina e seu cachorro/anho da guarda. Ao longo dos contos narrados pela menina, vemos fragmentos da sua infância e todos eles caminham na direção de certa melancolia, algo como um lugar onde estão as oportunidades perdidas.

Três contos dispensam a narração da menina, mas continuam ambientados no interior mítico do Brasil. *Ele* fala do improvável encontro do narrador com o diabo. *Nossa seca* traz um relato breve das agruras de um pequeno agricultor

durante a estiagem que aflige sua região. E *Jussara* trata da diferença de perspectivas de vida (e de morte) de um adulto e de uma criança. Novamente, um dos pontos de ligação entre todas as histórias é a tristeza dos relatos. Todos os fragmentos se encerram com uma nota para baixo, quando se fala em sentimentos. Mesmo assim, essa melancolia não chega a depressão o leitor, apenas o faz repensar como foi a sua infância, eventualmente.

PECADILHOS

Celina tem um texto claro e direto, sem rodeios. Não há longas digressões filosóficas, apenas o essencial, como convém a uma menina. Nesse sentido, **Santos de vento** cumpre o que promete logo na capa ao mostrar a silhueta de uma menina de tranças pensando (sonhando?), com imagens que pouco sentido fazem para os outros mas que para ela devem fazer todo o sentido. Porém, na maior parte dos contos parece que eles terminam um pouco antes da hora. Celina poderia ter insistido um pouco mais na narrativa de cada conto. Em alguns, quando sentimos que estamos perto de um clímax, logo vem o fim, meio abrupto, meio seco demais. Não chega a prejudicar a leitura, mas dá a impressão de que a autora queria terminar logo aquele momento para partir para o próximo.

No conto *Ele* também ficou forçada a aparição do diabo. Há alguma construção do clima, mas muito sutil para dar a sensação de

que algo poderá acontecer mais à frente. Sabemos que algo acontecerá, pois o conto não se encerra, mas a possibilidade de que seja o diabo a aparecer é pequena e, quando isso acontece, não é que ficamos espantados ou sejamos surpreendidos. Ele aparece e desaparece e fim, não deixa um gosto estranho na boca do leitor, nem um susto, nada. Se houvesse uma preparação melhor, talvez o diabo nos metesse mais medo (ali, bem entendido).

Santos de vento remete aos santos do pau-oco, aqueles santos que parecem ser grandes e poderosos, mas que no fundo não valem uma pataca furada. Apesar disso, esses santos continuam por aí, dando o ar de sua graça (mas nunca a graça desejada) e eventualmente levando sopros de esperança para as pessoas, esperanças que logo se desfazem. Os santos de vento sopravam na casa da menina narradora, na Fazenda Ventania, lar de uma grande família dominada por uma matriarca que queria tudo na sua ordem. Mas até mesmo essa matriarca morre, e todo o poder que ela exercia mostra-se inútil ante a finitude da vida.

Santos de vento é um belo trabalho de estréia e mostra uma autora que, apesar de iniciante na ficção, já domina a palavra e a técnica narrativa. Se em alguns casos a autora poderia ter se demorado um pouco mais na elaboração de seus climas ou na preparação de seus finais, são pecadinhos que em nada comprometem o prazer da leitura. Esperemos o próximo.⁸